

Cuspir para cima: sobre a crítica à modernidade e sua necessária defesa em três ensaios que se complementam

Felipe Luiz³⁹

Resumo

O presente ensaio se propõe a debater modernidade, antimodernidade e as suas consequências, especialmente no caso do Brasil contemporâneo. De um lado, a modernidade se constituiu como um projeto implantado autoritariamente, com o vezo genocida, escravista e colonizador. Por outro, é graças aos avanços que, no interior da modernidade e, *ipsa causa*, a modernidade possibilitou que podemos hoje lutar por valores e direitos relegados em boa parte da história humana. A crítica indiscriminada contra a modernidade elaborada por pensadores como Michel Foucault, possibilitou que um setor antimoderno, anti-iluminista e até mesmo neofascista, sem as mesmas intenções que pensamos serem libertárias dos pós-estruturalistas, se sentisse empoderado para criticá-la e intentar reerguer os horrores de um mundo que todos acreditavam superados. Assim, defendemos que a modernidade seja criticada e que outro mundo é possível, mas essa crítica deve ser certa, a fim de não oferecer munições aos negacionistas e extrema-direita.

Palavras-chave: Modernidade; Antimodernidade; Iluminismo; Kant; Nietzsche.

Abstract

This essay proposes to debate modernity, antimodernity and their consequences, especially in the case of contemporary Brazil. In one hand, modernity has been made as an authoritarian project, with genocidal, slaver and colonizing practices. In the other hand, it is because of the progresses that, in the interior of modernity, and *ipsa causa*, the modernity has enabled, that we can struggle for values and rights that did not exist in past human history. The indiscriminate critics of modernity as elaborated by thinkers like Michel Foucault, enabled that an antimodern, contra-Enlightenment and even neofascist sector, without the same good liberal intentions of the post-structuralists, empowered itself to criticize and plan to reestablish the horror of a world everyone thought past. Then, we support that modernity should be criticized and that another world is possible, but this critic should be aimed, to do not offer ammunition to negationists and the far right.

Keywords: Modernity, Antimodernity, Enlightenment, Contra-Enlightenment, Antiphilosophy.

I

Dizem-nos Marx e Engels, em palavras célebres do *Manifesto*, que o capitalismo conjurou forças que não pode dominar, tal qual um feiticeiro ao lidar com o arcano (MARX, ENGELS, 1959). Do mesmo modo Rousseau talvez não tivesse consciência das forças que invocava quando, no seio mesmo do Século das Luzes, fez coro com os prosélitos da reação ultramontana e respondeu que o Renascimento havia sido um retrocesso, que o mundo de

³⁹ Doutorando no PPGFIL-UFSCar, Bacharel (2018), Mestre (2021) e licenciado (2022) em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus Marília.

antanho era preferível à modernidade, que se vivia em uma decadência (ROUSSEAU, 1954). Observe-se que essa modernidade somente começava a se mostrar e as críticas já mordiam-lhe os calcanhares.

O discurso contrário à modernidade é coetâneo a ela. Basta nos lembrarmos da história das calamidades pelas quais o mundo, agora alargado em impérios coloniais, passou a fim de que hoje pudéssemos estar aqui. Muitos autores, como Düssel (1994), marcam o começo da modernidade com a vinda de Colombo a estas paragens, iniciando o genocídio indígena e, em pouco tempo, a escravidão negra. Certamente, para que o mundo atual pudesse vir a lume, muito sangue jorrou e as diferentes crises nas quais nos vemos atirados são prova disso.

Mas, é necessário não atirar a água do banho com o bebê junto. Se é fato que devemos e criticaremos no correr do texto a modernidade como ela foi feita — visto que uma outra era e é possível —, ao mesmo tempo é mister não esquecer que ela nos trouxe conquistas importantes, verdadeiros marcos civilizacionais que uma turba de fanáticos, empoderada pelos meios que a própria modernidade desencadeou, quer enterrar.

Particularmente, fui educado filosoficamente em uma tradição muito crítica à modernidade. Estou falando do pós-estruturalismo francês, especialmente Foucault. Em uma de suas últimas entrevistas, Foucault afirma que foi Heidegger sua fonte oculta durante toda sua produção, influência somente superada por Nietzsche (conforme MILCHMAN, ROSENBERG, 2003, sabiamente notam). Deixemos de lado o que pode significar isto ou, mesmo, se essa afirmação de Foucault guarda verdade ou, como nota Beatrice Han (1998), há um desnível entre aquilo que Foucault afirmava de si mesmo ou de outrem e a cristalina verdade dos fatos.

Heidegger, o filósofo da existência, que foi buscar nos pré-socráticos, em seu segundo período, as orientações do seu porvir filosófico, é também marcado por outras ideias, que formam um todo coerente e que vêm alimentando boa parte da crítica filosófica, à esquerda e à direita, da modernidade (FERRY, RENAUT, 1988). Não à toa, Heidegger se viu imiscuído com o nazismo, fato já sobejamente conhecido, mas sobre o qual insistiremos. Na base da crítica de Heidegger à metafísica ocidental jaz a ideia de que ela passou por uma decadência, uma queda. O ser era pensado entre os assim chamado-pré-socráticos, nos diz, como *physis* (por ora traduzamos como natureza) e englobava tanto os seres naturais quanto aqueles artificiais criados pela *mekhanē* (astúcia) humana: a *tekhne* e o *nomos* (lei, costume). Pensar e ser eram a mesma

coisa, tal qual o fragmento de Parmênides bem ilustra. Encaminhava-se, assim se exprime Heidegger, para uma ontologia (HEIDEGGER, 1983)

Com Platão esse ser passa a ser pensado como *idea* e, com Aristóteles, consuma-se a queda. Isto porque o Estagirita introduziu tanto a noção de que a natureza possui um primeiro motor imóvel, tomado como *Ens generalissimo* quanto com a separação entre as coisas da *tekhnē*, as do *nomos* e, noutra quinhão, as da *physis*. O homem aparta-se da natureza e vai tomá-la como algo a ser dominada, a ser domada. Por fim, Aristóteles ainda seria culpado de tornar o pensamento e a linguagem, a via de acesso ao ser, uma técnica. Podemos acrescentar: e uma técnica tal que sequer faz parte da filosofia, mas que lhe serve de instrumento, já que a lógica, coligimento das regras do pensar correto, serve como propedêutica à filosofia, ao menos segundo o preceptor de Alexandre (Heidegger, 1988).

Destarte, uma queda teria se operado. De uma pensamento proto-ontológico, a outro, meramente ôntico, que pensa o pensamento como instrumento e a natureza como matéria bruta, a ser dominada. Heidegger é, assim, *phtorológico*, do grego *phthora*, *decaência*. Ele enxerga na história uma queda, como tantos outros pensadores, especialmente aqueles simpáticos às posições conservadores (LUIZ, 2023).

Ao proceder com sua *phtorologia* Heidegger se liga a uma tradição que enxergava na modernidade um decaimento. Membros célebres dessa tradição são os românticos, com Hamann a frente, mas, também Rousseau, Nietzsche, os tradicionalistas, os fascistas etc. Podemos chamar essa tradição de anti-iluminista, já que é especialmente às noções de progresso (como elaborada, por exemplo, por um Condorcet) e da ideia de que podemos melhorar a sorte da humanidade através da razão que eles vão se opor. Didier Masseau (2000), especialista francês contemporâneo, dá-nos a data de nascimento da noção de antifilosofia: metade do século XVIII, na voz de apologistas da religião.

Masseau (2000), MacMahon (2001), Monod (1916) e Garrard (2006) fornecem um panorama do que foi o anti-iluminismo, a posição de que a modernidade representava um mal não por seus efeitos perversos, como a escravidão, o genocídio ou a exploração econômica, mas, sim, pelos seus efeitos benéficos, como a reivindicação da *libertas philosophandi*, a separação entre religião e Estado ou as aspirações republicanas. Basicamente, tratava-se (e trata-se) de um movimento reacionário, cuja oposição final é contra a Revolução Francesa e a ciência e filosofia modernas. Ou seja, defensores do domínio do altar e do trono, contra liberdades básicas, direitos humanos ou distintas formas de igualdade jurídica, que dirá das

propostas mais progressistas de igualdade social. A forma contemporânea desse anti-iluminismo é, justamente, a *alt-right*, o neofascismo e neonazismo, os distintos tons de neoconservadorismos etc.

No Brasil, essas ideias tomaram forma, contemporaneamente, em dois movimentos distintos: um intelectual, o olavismo, outro político, o bolsonarismo, seu instrumento. Os efeitos deletérios dessas duas correntes na vida social brasileira, esgarçando e sapando os poucos avanços que obtivemos enquanto comunidade no último período, e que foram tímidos, dão mostras de onde pode nos conduzir uma crítica à modernidade feita às cegas e, especialmente no caso de Foucault, sem proposições claras do que colocar em seu lugar.

Ambos os movimentos, o olavismo, enquanto fenômeno intelectual, e o bolsonarismo, enquanto fenômeno político, são, críticos do Iluminismo, em um caso, e da Revolução francesa — corolário do primeiro — o segundo. O olavismo pode ser caracterizado, como vimos fazendo, como uma antifilosofia. Esta, embora algumas interpretações contemporâneas tentando-a aproximar da psicanálise ou de Wittgenstein, a antifilosofia guarda sua origem, tal qual dito, na cena intelectual francesa contrária ao Iluminismo e aos pensadores que lutavam contra o Antigo Regime e seus suportes tradicionais. Monod (1916) elabora uma radiografia dos apologistas do cristianismo, cobrindo um período de mais de cem anos, desde Pascal, outro pensador de dupla face (dado que, ao mesmo tempo que cientista de ponta, crente em ideias reveladas e nos poderes da fê) até Chateaubriand, celeberrimo por sua defesa da religião do crucificado. A tônica desses pensadores, diz Monod, é justamente sua oposição aos ataques que o domínio do cristianismo, especialmente do catolicismo, na vida intelectual europeia, sofria nas mãos de Voltaires, Diderots e La Métries.

Outros autores, como Fortes (1986) mostram como o Iluminismo não pode ser desvinculado da própria Revolução Francesa. Não custa lembrar o lema da Revolução: *liberdade, igualdade, fraternidade*. Trata-se de um mote que vem guiando a política contemporânea, em versões mais ou menos radicais. Assim, as ideias do Iluminismo estão na raiz mesma da modernidade; criticá-lo às cegas significa pôr em xeque autores e atores que travaram um duro embate contra a proeminência da religião sobre a vida pública, o despotismo, as sevícias e os abusos, enfim, tudo aquilo que um setor da sociedade enxerga com saudosismo.

Evidentemente, a modernidade também significou colonialismo, genocídio, opressão, superexploração de recursos. Por isso, talvez, o mote dos manifestantes dos anos 1990 e começo dos anos 2000 era “uma outra globalização é possível!”. E esses movimentos, dos quais os

principais teóricos são Negri e Hardt (2009), também indicaram saídas. A ideia de comum, ou seja, segundo os autores, tornar patrimônio comum coisas como recursos vitais, deve inspirar a confecção de uma nova modernidade. O simples fato de podermos criticar esses elementos acima expostos já dá mostras dos motivos pelos quais não podemos ser contra a modernidade enquanto projeto, mas, sim, enquanto realidade histórica. É nossa tarefa impor uma nova modernidade, lutando tanto contra as forças que buscam reintroduzir um mundo superado (um fenômeno ele mesmo moderno) quanto contra o extremo-centro, que quer manter o mundo tal qual se dá, operando, talvez, mudanças cosméticas, ou, na frase imortalizada pela esquerda, dar os anéis para não perder os dedos.

O fato de estarmos mergulhados em crise de toda ordem, que envolvem mesmo o destino biológico da espécie e do conjunto do vivente neste planeta, indica que soa a hora de colocarmos, mais uma vez, outra ideia de modernidade, de construirmos um mundo que consiga, ao mesmo tempo, generalizar as benesses e direitos adquiridos, acertar contas com o passado e fundar um mundo novo. Soa a hora do comum (DARDOT, LAVAL, 2014). Lutar contra a modernidade como se constituiu não pode significar lutar a favor daquilo a que ela se opôs; significa, sim, levar às últimas consequências as consignas da Revolução francesa, tal qual indicado acima. Significa realizar esses três objetivos e garantir, enfim, a todas e todos igualdade, liberdade e fraternidade e não somente política, como social.

II

O fato de nos acostumarmos com aquilo que nos cerca ou, em outras palavras, de nos adaptarmos ao meio, parece ser uma constante na vida humana e, até mesmo e sobretudo, das demais espécies. Até mesmo as coisas inanimadas se adaptam, como bem mostrou Peirce (SANTAELLA, 2019) ao escrever sobre os cristais e que as estalactites e estalagmites comprovam. Afinal, até mesmo sobre as superfícies não viventes o pó se acumula, as horas deitam seu peso, e o fio dos dias encobre com uma massa de detritos o substrato ali jazente. Essa, talvez, seja uma das descobertas mais potentes da história das ciências, conhecida sobre o famoso nome de adaptação das espécies e descrita por vários autores, o mais famoso dos quais foi Charles Darwin, que causou verdadeiro furor à época, e continua reverberando até os dias atuais, noviça que é sua teoria de apenas pouco mais de 150 anos.

Como somos seres de vidas curtas, em comparação com os números do universo, que hoje conhecemos graças ao espetacular avanço nas ciências que a espécie presenciou nos últimos séculos, pouco nos recordamos de como era o passado, de como a sociedade se

organizava, como tratava seus membros e, *in extremis*, como o próprio universo funcionava. Cabe à legião de profissionais, especialmente treinados em nos fazer recordar ou descobrir como o passado se dava, o papel de lançar lume sobre o pretérito, permitindo que ele não morra ou caia no olvido perpétuo que a própria estrutura do tempo parece atirar sobre o mundo.

Como as areias das horas são vorazes, deglutindo e digerindo tudo, o passado fica aterrado no sono, onde justos e injustos, mortos e desprovidos de traços de vida, se encontram. A História é, destarte, disciplina científica muito especial, junto com outras ciências auxiliares suas, como a arqueologia, a economia e tantas outras, no fazer aparecer a organização do mundo tal qual se dava nos intermináveis segundos que nos separam de nossos ancestrais. E não só. Quando estudantes do ensino médio, lembro-me de um jogo que um professor de educação física, em um dia de chuvas intensas, propôs à classe, um jogo no qual nos eram dirigidas perguntas e que um dos times, de garotos ou garotas, deveria responder. Fui escolhido, com orgulho juvenil, para responder uma pergunta, que era: “qual a ciência que estuda o passado, o presente e até mesmo o futuro?”. Sem pestanejar respondi: “ a História”. Estava certo. A História permite-nos entender não somente como fomos, mas como somos e entrever como seremos.

Que as coisas são históricas, ou seja, que o curso do tempo nos afeta, esta é uma visão que, com essa clareza é relativamente recente, embora a História, cujo pai fundador é Heródoto (1920), ao menos no Ocidente, já tivesse noções sobre o tema. Mas, na escala do tempo, em sociedades sem escrita, isso é novidade. A História nos salva do véu do sono prolongado, nos desperta para que descubramos o que nos afasta e o que nos aproxima daqueles que nos precederam, nos marca no tempo, assinalando um espaço de vida para que possamos, assim, ser mais autênticos com nós mesmo e, desta feita, nos projetar no mundo com maior certeza. Quem achata a história, quem desconsidera a História ou quem tenta se apropriar dela para fins escusos, somente pode ter interesses ocultos, que não podem se mostrar claramente na luz do dia, quem dirá dos debates.

Esquecemos por saúde, diz Nietzsche e também Freud. Imagine a tortura que seria lembrarmos de tudo que nos passou, imagine se cada menor fato, cada experiência viesse à mente o tempo todo, se fôssemos incapazes de lançar às trevas o que quer que fosse: o que almoçamos no dia 13 de fevereiro de 1991, como fomos humilhados outro dia, o olhar desconfortável que tal pessoa nos lançou, etc. Certamente, uma forma de tortura., que dá asas à imaginação de Borges.

Mas, também esquecemos por doença. As distintas formas de demência, como Alzheimer, estão aí para provar que, se esquecer é necessário para que haja vida inteligente, também pode ser mórbido esquecer demais e, sobretudo, esquecer coisas que deveríamos nos lembrar. O sofrimento que isto acarreta a nós mesmos e, sobretudo, aos que nos cercam, não cabem nas páginas deste texto. Basta que se leia um pouco sobre o tema para que se nos afiguremos as agruras que o excesso de esquecimento causa.

Desde o estalar da modernidade, esta encontrou seus críticos, mas, sobretudo nos últimos decênios, esta crítica se avolumou e, no Brasil, têm causado problemas. Um ensino deficiente, somado a certa preguiça mental, pessoas com intenções inconfessáveis, maucaratismo, ignorância pura e simples e falta de amor à verdade, fizeram-se porta-vozes de autores e ideias de baixa extração e, sobretudo, equivocadas, até conseguir, por variadas manobras, adentrar nos lares das famílias brasileiras e se tornarem, até mesmo, depositários de confiança e respeito por parte daqueles que essa mesma visão de mundo pretende danar. Sem conseguir atingir o patamar de ciência para serem considerados, pelos pares, científicos, resolveram encontrar um atalho e adentrar a Academia, pela via torta do desprezo que a comunidade destina aos que não se adéquam às regras, muito bem estabelecidas, e que dão frutos novos todos os dias, da pesquisa séria, pública e verificável por qualquer pessoa treinada no manejo do instrumental.

Assim é que se tornou uma espécie de modismo maligno questionar a ciência, a modernidade e todos os incontáveis benefícios civilizacionais alcançados nos últimos séculos, por vezes a custo de vidas humanas preciosas, contra os próceres e sequazes de uma sociedade violenta, opressora e sustentada sobre a base de privilégios insustentáveis, sofrimentos múltiplos e crenças equivocadas. O parto da modernidade foi doloroso e traumatizante. Talvez até mesmo para nos proteger tenhamos esquecido como era a sociedade que abandonamos. Mas, como um mundo defunto ameaça se levantar, talvez seja mister relembrar alguns tormentos que passamos até conseguirmos chegar aonde chegamos — uma sociedade muito longe das ideias, que o pensamento concebe, mas muito melhor, do ponto de vista das comodidades e possibilidades de realização pessoal, que as antigas sociedades já desvanecidas e engolidas pelo ritmo dos dias. O cadáver já está no caixão; quer levantar, tal qual um zumbi da ficção, para se apoderar do cérebro dos vivos. Cabe-nos enterrar de vez o morto e, assim, nos preocupar não tanto com fantasmas, mas com as novas gerações.

Pestilenta, dolorosa, sem liberdades, brutal, eivada de sofrimentos, injustiças e temores infantis, onde o único descanso pode ser a terra fria que tudo engole, de onde viemos e para onde voltaremos, como dizia Xenófanos (KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2005) Esta é descrição breve mas acurada das sociedades do passado. Mas havia consolo espiritual: esperava-se que, em um além-mundo, os malfeitos fossem aplacados, e a justiça universal, que preside a tudo, desde os tempos de Homero, fizesse valer sua pesada mão, destinando a cada qual o seu quinhão de gozo e castigo. Em uma sociedade onde nem todos são iguais juridicamente, onde alguns guardam regalias de nascença enquanto outros, também por nascença, têm seu destino selado, parece inaceitável aos olhos contemporâneos. E é assim: afinal, os mesmos movimentos da sociedade que deram cabo do Antigo regime, forjaram a modernidade. Estamos falando, claro, da revolução econômica que representou a industrialização, da revolução política que foi a Francesa e da Revolução intelectual que foi o Iluminismo.

Os três processos estão intimamente interligados. Desde a Renascença, onde, após um período em que as ciências estavam mais ocupadas em debater a alma dos anjos, que diminuir o sofrimento das carnes terrestres, por exemplo, com Tomás de Aquino, houve um movimento de retorno às fontes do saber da Antiguidade, que se centravam na reforma política da sociedade e na busca pela felicidade terrena. Os autores gregos e latinos foram recuperados e o estado de coisas medieval, com a teologia reinando, em uma verdadeira hierarquia das ciências, começou a ser questionado. Cassirer (1927) aponta que é no catolicíssimo Nicolau de Cusa, hoje muito injustamente olvidado, que encontramos o mais bem acabado exemplo de pensador renascentista. Cusa (2017) passou a admitir certas ideias que se tornaram lugar-comum séculos depois; por exemplo, o papel das matemáticas no saber científico ou o fato da indeterminação do universo incomensurável. Para ele, havia, ao contrário do admitido pela teologia medieval, uma douda ignorância, título de seu livro mais famoso, que era a chave do saber, uma lição socrática, retomada no período. Ou seja, a teologia não conhece tudo, se até mesmo os doutos são ignorantes; há necessidade de conhecer e espaço para tanto.

Nos séculos seguintes à Cusa, a mais fina-flor da intelectualidade ocidental, impulsionada por movimentos da sociedade fortíssimos, como o início da colonização das Américas, com o contato radical com o Outro que o processo comportou, a reforma protestante, e seu chamado à prevalência da consciência individual, em um mundo onde até então o indivíduo praticamente não existia, como defende Delumeau (1984) e Sevcenko (1994); o renascimento do comércio; enfim, o *écroulement* do mundo feudal em benefício das bases do

mundo presente, base essas assentadas pela revolução científica dos séculos XVI e XVII, com Copérnico, Galileu, Descartes e Newton, dentre muitos outros, e que, com o Iluminismo, chega ao seu auge, estabelecendo de vez o que conhecemos como modernidade (ROSSI, 1997).

O mundo feudal era um mundo fechado, como diz Koyré (1957). Centrado sobre si, com a terra considerada como centro de um universo esférico, ponto focal do qual os demais astros dependiam, a formulação do saber se dava em universidades fortemente eclesiásticas, avessas à experimentação, e dependia do beneplácito da Igreja, movimento que a Contrarreforma acentuou. Quem contradissesse os dogmas religiosos corria sérios riscos. Por isso Copérnico, que mostrou, através das bases mesmas da cosmologia ptolomaica, que a Terra não era o centro do que viria a ser chamado de sistema solar, optou por publicação póstuma e, assim, se livrou dos destinos de Giordano Bruno, Campanella e Galileu — fogueira, prisão, e humilhação —, que ousaram questionar a autoridade eclesiástica (MONDOLFO, 1980).

Mas não só no campo das ideias tratava-se de um mundo fechado. O comércio era parco, ocorrendo sobretudo em certas feiras, algumas famosas; a mobilidade social, praticamente nula, reservada aos raros cavaleiros que conseguiam tornar-se reis, como bem defende Duby (2012) e a um ou outro camponês que enriquecia. Os tributos, pesados. e constantes. As mulheres, sem nenhum peso social. Divergências sociais caladas com ferro e fogo. Doenças grassavam. Higiene, inexistente. A produção, escassa. As comodidades da vida caras e raras. Uma aristocracia de sangue dominava a política, e qualquer traço de democracia era nulo.

Em um contexto de vida tão estreito, tão avesso às expressões de individualidade, não é de se admirar que os homens se sentissem realizados ao embarcar em aventuras, como as grandes navegações. Fugir de um mundo que só nos prometia realização no além-túmulo parecia uma boa pedida.

Com o movimento de ideias e realizações técnicas que marca o período, esse mundo foi posto em xeque. O universo se expandiu com o aperfeiçoamento do telescópio por Galileu. A autoridade eclesiástica, questionada pelos novos pensamentos que vinham romper as espessas nuvens de obscurantismo, assim como o sol se espraia após a tempestade furiosa. O desenvolvimento do comércio alargava as fronteiras do conhecido e colocava sob suspeita afirmações dogmáticas, que só possuem valor religioso. A tarefa de demolir o mundo mental medieval caiu sob as costas de um conjunto de autores que ficaram conhecidos como iluministas. Voltaire, com suas sátiras, Diderot e D'Alembert, com sua Enciclopédia, La Métrie e D'Holbach com o materialismo filosófico, todos eles contribuíram no sentido de forjar o

mundo contemporâneo e nos dotar de imensos progressos políticos e sociais, aos quais se soma os avanços científicos proporcionados pelas grandes mentes de Galileu e Newton (GAY, 1961, 1969; ISRAEL, 2001).

A revolução industrial, com a aplicação da técnica e do saber aos processos de produção permitiu uma imensa manufatura de produtos em escala nunca antes vista, rompendo de vez um universo de penúrias e de fome constante que era a marca dos séculos pregressos, facilitando a vida e livrando, especialmente as mulheres, de tarefas inglórias. Chegou-se ao ponto de produzir o supérfluo, de crises de superprodução ameaçarem mais que a falta crônica de bens que vivíamos (LUIZ, 2021).

Ao mesmo tempo, os avanços sociais, que os séculos vêm colhendo, só dão mostras da força das ideias do século decisivo na história da humanidade. Mulheres enfim reconhecidas como sujeitos de direito, com participação política forte e direitos até então negados. Vítimas ainda dos horrores do patriarcado, mas em situação muito mais vantajosa que em boa parte da história do mundo. Negros, vítimas da infâmia da escravidão, libertos de suas correntes e com a possibilidade de construir um futuro melhor que os grilhões que os atavam ao trabalho físico extenuante; herdamos, desse passado sombrio, o desafio da luta contra o racismo, mas, cada vez mais, ela se torna pauta pública e vem ganhando adeptos de maneira flagrante, assim como os direitos indígenas, reconhecidos, atualmente, pelas constituições de várias nações, direitos que buscam se expressar em um contexto onde massacres do passado teimam em reviver. Homoafetivos, antes tratados como doentes, hoje buscam os meios de expressar sua cidadania.

Os avanços em medicina, que não cansam de se acentuar no último período, dão mostras do progresso atingido. Uma vida brutal, onde o menor corte podia custar a vida, ficou no passado para boa parte da civilização, que hoje se beneficia de transplantes de órgãos, tratamentos para prolongamento da vida e medidas sanitárias que minimizaram os efeitos de pandemias e endemias.

A liberdade de imprensa e de opinião, de culto, enfim, se tornou uma realidade em boa parte do mundo, juntamente com a expressão da vontade popular em eleições crescentemente limpas, com a diminuição de golpes de Estado e de ditaduras e perseguições.

Embora essas muitas conquistas civilizacionais, o Iluminismo tem inimigos ferozes, justamente aqueles que defendem valores que perderam razão de ser na modernidade, valores como união entre Estado e Igreja, prevalência da tradição em detrimento da experiência e supremacia da teologia contra a ciência. Enfim, defensores do misticismo que, com muito custo,

conseguimos nos livrar. O misticismo contemporâneo, que pensa que a terra é plana, cigarros fazem bem à saúde e homossexuais são uma espécie de maçonaria voltada à destruição das crenças religiosas, se propaga sobretudo através das assim chamadas, em um anglicismo que poderíamos evitar, *fake news* ou notícias falsas.

Notícias falsas não designam somente uma mentira, mas uma pós-verdade. Por esse termo se indica uma informação destinada a convencer menos através da razão do que através do sentimento que uma pretensa notícia pode suscitar. Assim, o que uma parcela da população, propensa a posturas geralmente identificadas com a extrema-direita, gostaria que acontecesse se vê realizada em notícias completamente inverídicas, mas que materializam os desejos dos sujeitos. Trata-se de manipulação social, geralmente acompanhada de fortes teorias conspiratórias, enxergando o mundo moderno como uma conspiração de setores progressistas. Ao mesmo tempo, a difusão tão rápida de *fake news*, em verdadeiros centros de desinformação, financiados por pessoas muito poderosas e com interesses escusos, não seria possível sem os avanços técnicos que essa mesma modernidade atacada de maneira vil, possibilitou. Assim, os defensores de um passado idealizado cometem uma contradição performativa insolúvel: se valem dos meios mais modernos para atacar a modernidade.

Olavo de Carvalho (1998), o principal representante intelectual das trevas nacionais contemporâneas, calcado em notícias falsas, meias interpretações e arremedos de leitura, escolhe justamente Nicolau de Cusa como um dos alvos principais para seus ataques, juntamente com Epicuro, Maquiavel e toda um séquito de grandes pensadores, supostamente refutados por argumentos de baixo calão, pouca inventividade e ideias reacionárias. Não à toa: Cusa é um dos *déclencheurs* do Renascimento, conforme dito. Já em Epicuro (1972) encontramos um chamado contra o excessivo medo que se tinha dos deuses e de qualquer fenômeno que não se encaixasse nos rígidos limites da vida cotidiana, como cometas ou outros fenômenos celestes. Epicuro faz um chamado à fruição da vida terrena e que deixemos de pensar em uma vida futura pós-tumba, para nos atermos à vida terrestre, visto que os deuses, do alto de sua magnanimidade, não estão interessados nos afazeres humanos. Tratava-se da luta contra a superstição, luta essa ainda muito atual, especialmente se considerarmos a legião de *coaches*, gurus e astrólogos — como o próprio Olavo, uma mistura indigesta dos três — que grassam no mundo moderno, malgrado ideias parcas de conteúdo. No lugar da superstição Epicuro oferecia uma canônica e o ideal de pertencer a uma comunidade de pesquisadores. Maquiavel (2012), a seu turno, coloca o interesse público, materializado no Estado, como interesse superior do governante, ajudando a separar definitivamente Igreja e Estado.

Olavo elaborou uma espécie de filosofia da História (com H maiúsculo) onde, nos diz, esta se resolve no conflito entre Igreja Católica e poder civil. Para ele, teríamos saído de um período de adoração de deuses para outro, onde o Estado se coloca acima das religiões, preterindo a verdade revelada por verdades de fato. Tudo isso orquestrado pela maçonaria e Illuminattis, que operam nas sombras de todos os governos. Segundo ele, ou se é da maçonaria ou se está contra ela. Os maçons, que, desde o abade Barruel, que lançou a hipótese de forma mais acabada (MCMAHON, 2001), teriam sido os responsáveis pela Revolução francesa, seriam os verdadeiros mestres de todos os títeres que somos nós, à exceção de Guénon, Schuon, Evola, Scruton e uma porção de outros escritores de extrema-direita. Para Olavo, a luta contra a Maçonaria se afigura como central a fim de preservarmos o Ocidente e o mundo do terrível materialismo abortista, gayzista feminista. As conquistas dos últimos séculos, que já tratamos acima, não valem de nada se esquecermos as verdades fundamentais por trás de todas as religiões.

Sedgwick (2004) traça um retrato agudo, preciso e bem informado das fontes de Olavo, como Guénon e Evola. Este último era considerado radical demais mesmo pelos fascistas. Já Guénon acreditava que somente uma elite bem formada em suas tradições perenialistas (corrente que defende a existência de uma verdade fundamental por trás de todas as religiões) poderia evitar o colapso iminente do Ocidente nas mãos de civilizações tradicionais. O tradicionalismo, ao qual se filia Olavo, vê a história sob o ponto de vista da decadência, tema muito velho na história do mundo, e acredita que somente a retomada da verdadeira ciência, a metafísica, pode salvar os homens do *écroulement* certo. Diz Guénon que o maior mal da contemporaneidade pode ser resumido em seu individualismo, na livre interpretação das Escrituras e no desprezo das tradições, sobremaneira orais, que nos transmitiriam verdade imemoriais (GUÉNON, 2013).

A vida de Guénon, cercado de ocultistas e de ferozes disputas de poder em torno de sociedades secretas, nos indica bem uma de suas principais conclusões: a necessidade de se constituir um escol que dirija a humanidade ou, pelo menos, o Ocidente, no sentido de uma renovação espiritual (SEDGWICK, 2004). Na modernidade, além dos países autocráticos, a única teoria política que defendia uma elite como governante foi o fascismo. Não à toa as biografias de Guénon, Evola e Olavo se cruzam: são pensadores extremistas, de uma extrema-direita que não se conforma com direitos das mulheres, fim da servidão e da escravidão e, mais fundamentalmente, a laicização da sociedade, permitindo que cada qual escolha sua fé como

lhe convier e pregando a convivência harmoniosa de todos os credos em sociedades harmônicas, inclusive de ateus, onde ninguém tenha de ser perseguido por suas crenças.

Olavo, destarte, se filia ao que de pior a modernidade produziu do ponto de vista político: o fascismo. Não à toa, foi o mesmo movimento social que produziu Bolsonaro e Olavo. A antipolítica que os orienta, no sentido de negar o convívio de pensamentos diversos, e os constantes ataques às instituições democráticas, fazendo apelo não ao povo, enquanto poder constituinte, do qual emana a soberania e, como tal, pode alterá-la, mas às elites, especialmente militares e financeiras, a fim de que adentre na aventura de um golpe de Estado e faça “o trabalho que a Ditadura não fez, matando trinta mil”, dão mostras das verdadeiras convicções de Olavo.

É por isso que as ciências e as artes são tão atacadas por Olavo e seus asseclas. Não necessariamente porque são contra as benesses técnicas (ao contrário, defendem a indústria do petróleo) ou porque a maioria dos artistas e cientistas são pessoas progressistas; mas porque Olavo é antimoderno. Assim, se opõem às vacinas e, provavelmente, morreu por suas crenças, já que não se vacinou contra uma doença que matou quase setecentos mil brasileiros e que atingiu a todos nós, mas da qual felizmente já profilaxia. Da mesma forma, consideram que o aquecimento global não existe, ainda que não tenham provas. Cortam verbas da educação e da ciência em um momento em que estas se constituem o verdadeiro passaporte para o futuro de todas as sociedades. Perseguem outras crenças que não as calcadas no mais absurdo misticismo, crenças que prometem milagres e falam a língua dos anjos, ainda que não haja provas palpáveis, claras e incontestáveis de nada disso.

Ao contrário de fatos, sobre os quais possamos racionar, explicar, julgar, Olavo propõe que creiamos em mistérios de uma suposta origem comum de todas as religiões, tomando como parâmetro a religião hindu. Não à toa, já que, para ele, ainda vivemos em uma sociedade de castas e seria inútil negá-lo. A defesa que Olavo faz das castas é, realmente, inacreditável, peça de ficção política, digna do Ig Nobel, como aliás, quase todos os seus livros.

Mas Olavo não conseguiu alcançar a fama que alcançou à toa. Nenhuma sociedade produz monstros senão tiver olhado para o abismo. O precipício brasileiro é, precisamente, sua história. Diz-nos o senhor Freud que o conflito não resolvido não desaparece simplesmente, mas volta como sintoma, como neurose. A política brasileira está cheia de neuroses, de traumatismos e de descontinuidades, dado, exatamente, o fato de que não resolveu seus conflitos, embora possua todas as condições de fazê-lo. O mais profundo conflito de nossa

história, verdadeiro fundador do Estado brasileiro, este grande capitão do mato, é o conflito racial. Surgido da luta contra indígenas, no objetivo de massacrá-los, catequizá-los ou torná-los escravos, o Estado brasileiro seguiu sua sanha organizando a escravidão de negros. Se a escravidão acabou legalmente, se a democracia chegou do ponto de vista eleitoral, o mesmo não se pode dizer do ponto de vista político e social. As periferias, lotadas de pessoas da pele escura; os piores empregos, destinados aos moradores dessas periferias; os cargos políticos, fortemente dependentes de apadrinhamentos e poder econômico; enfim, os cargos de chefia e intelectuais, cercados de uma aura racista que impede que negros e negras os alcancem. Para completar, um período de trevas, onde o país foi governado autocraticamente, se outorgando a prerrogativa de matar e torturar a fim de tocar adiante uma modernização conservadora, sem mexer nas mazelas do país.

Tudo isso é traumático para uma sociedade e, sem tratamento, volta como sintoma. O sintoma é a legião de viúvas da ditadura, o “bandido bom é bandido morto”, o “direito dos mortos”, e todo o corolário que essa situação gera. Olavo é o teórico dessa sociedade, seu arauto e defensor, e via no governo obscurantista de Bolsonaro sua realização.

A terapêutica dessa sociedade é simples: democracia. Mais democracia. E não só jurídica, como política e social. Democratizar a sociedade brasileira, inclusive e, sobretudo, as esferas sociais, raciais e de gênero. Democratizar as polícias e as Forças Armadas, que operam na lógica de extermínio do inimigo interno: o próprio povo, sobretudo o negro. Tudo isso não são devaneios de uma mente indignada tanto quanto insone; mas a colocação em prática daquilo que está escrito na Constituição Federal.

A cura para o Brasil passa, como não poderia deixar de passar, pelo seu povo. Somente com a inclusão do povo, com todas suas matizes e credos, em um jogo limpo, sem *fake news* ou apelo ao misticismo contemporâneo. Passa por acertar contas com seu passado. Caso venha da esquerda ou da direita do espectro político, tanto faz. O importante é passar a limpo um passado de violência, para que construamos um futuro digno desse nome.

III

Muitos indicam Parmênides de Eleia como o inventor da lógica, visto que este teria identificado um dos princípios basilares desta: o princípio da não contradição. Ou seja, uma mesma proposição não pode ser verdadeira e falsa em relação à uma mesma coisa sob um mesmo aspecto. Parmênides, em seu longo poema, nos fragmentos extantes, nos indica, por exemplo, que o ser é e que o não ser não é, o que pode soar como tautologia, mas, em fato, não

se configura como tal. No poema, Parmênides é conduzido em uma carruagem da deusa da justiça e Ihe são apresentadas duas vias, a da verdade e a da opinião, uma distinção que se tonaria clássica com Platão sob a forma da oposição entre *episteme* (que podemos traduzir como ciência) e *doxa* (isto é, opinião.).

O que mais nos toca é que o caminho do ser, da verdade, é apresentado por Parmênides justamente como uma revelação da deusa da justiça, não como fruto de um método de pesquisa. Somente com Sócrates, várias décadas depois, é que se delineará o primeiro método filosófico, ou seja, um caminho (*hodos*) para se alcançar a verdade, a maiêutica. Trata-se de duas concepções contraditórias de acesso a verdade, uma, a verdade revelada, a outra a verdade raciocinada. Pela via da primeira, um poder superior se nos indica uma proposição a ser tomada como verdadeira. Pelo caminho da segunda, utilizamos instrumentos a fim de chegar à verdade.

O instrumento por excelência da busca pela verdade ainda na Antiguidade era a lógica. Parmênides, assim, mesclava em seu raciocínio os dois métodos de se alcançar a verdade, o lógico e o sobrenatural. O método lógico foi sistematizado, pela primeira vez, por Aristóteles, na série de livros que vieram a ser compilados como *Organon*, ou seja, instrumento, apontado como o primeiro livro a ser lido de seu sistema, justamente porque nele são apresentados os modos através dos quais se chegou às conclusões que o Estagirita logrou alcançar.

Quanto às verdades reveladas, elas estão expostas em toda uma série de livros, geralmente religiosos. O *Apocalipse*, por exemplo, nada mais é senão uma revelação, tradução literal do termo, direto do grego.

Não se pense que os dois métodos necessariamente se opõem. Por séculos, o método lógico foi justamente utilizado para fundamentar e dar ares de verdades às noções reveladas. Seu ápice foi o tomismo durante a Idade Média, onde, na Suma Teológica, Tomás de Aquino provava o mundo e o fundo do universo, deduzindo, da união entre Bíblia e Aristóteles, tudo aquilo que se cria importante para uma pessoa alcançar sua salvação. O livro divide-se em artigos, onde, geralmente, as posições da Bíblia e de Aristóteles são expostas, de modo a se extrair as conclusões lógicas, que fundamentem a verdade assim pensada.

Essa mixórdia entre os dois tipos de verdade começou a ser questionada na Renascença, com a entrada em jogo de uma terceira dama, além da revelação e da indução: a experiência. Muitos autores concorreram para esta aparição, religiosos e leigos, nem sempre com a intenção de descreditar a posição dominante da Igreja Católica. Cabe notar que, Francis Bacon chamou

seu livro, onde propunha uma nova forma de se abordar os fenômenos da natureza, de *Novum Organum*, ou seja, novo instrumento.

Não se trata, simplesmente, de opor razão e experiência, visto que a maturidade do método científico combina os dois, como bem notou Mondolfo (1980). No esquema de Galileu, o experimento é pensado pela razão, verificado pela prática, e estendido ao conjunto da natureza novamente através da razão. Neste esquema, não há espaço para a verdade revelada, somente para aquela refletida.

A verdade-método mostrou-se particularmente fecunda. Conquanto em séculos de domínio da verdade-revelada pouco se avançou no sentido de utilizar as forças da razão para compreender o universo ou aprimorar a vida dos humanos na Europa medieval, com pouco mais de quatro séculos de aplicação do método científico, as mudanças são profundas, mas não irreversíveis, como hoje sabemos.

Um dos principais antagonistas do método científico foi, exatamente, as crenças arraigadas na população, nas instituições e nos próprios cientistas que se fiavam em preconceitos e em noções tidas como verdadeiras a fim de impedir novas pesquisas. Em “O experimentador” Galileu (1964) deixa claro que, entre a tradição e a experiência, ele escolhe esta. Quase foi parar na fogueira, ao evitar por muito pouco o destino de Giordano Bruno ou amargar décadas na prisão, como Campanella.

E qual ideia errônea a ciência moderna não destruiu, a começar pelas ideias tidas por verdadeira pela própria ciência pregressa, pré-moderna? Não fiquemos no lugar-comum da terra plana; desde séculos já se sabia da esfericidade da terra (na verdade, um geoide). Mas, por exemplo, que plantas são animais de ponta-cabeça, que os animais são gerados naturalmente na natureza (cria-se que, por exemplo, sementes de trigo davam vida aos ratos), que pragas são frutos da ira divina, que cometas são mau presságio, etc. A lista é longuíssima. Basta ler um estudo científico anterior ao século XVI para que o acumulado de ideias outrora tidas como certas, hoje provadas equivocadas, logo transpareça.

Em todas as searas onde verdade-revelada e verdade-método se enfrentaram, esta se provou, por fatos, acertada, e aquela, pela ausência de provas, insuficiente, errônea ou tão somente mentirosa. Esse acúmulo de noções e práticas benfazejas levou muitos a acreditar, no que ficou conhecido como Iluminismo, que a sociedade marchava para uma liberdade, a igualdade, direitos, abundância, etc.

Mas, ao mesmo tempo que o Iluminismo progredia, também seus inimigos se acumulavam, e isto no seio do próprio movimento, uma vez que é Rousseau, precedido por um número grande de apologetas do cristianismo, ou seja, das verdades reveladas (e apologetas de peso, como Pascal) que via na história não progresso, mas decadência. A noção de que o mundo se deteriorava conforme os homens aprendiam a conhecê-lo encontrou especial eco na cabeça dos pensadores e artistas que vieram a ser conhecidos como românticos, pensadores de primeira linha como Schlegel, Hamann, etc. Louvando a Idade Média, cavaleiros, mulheres submissas, o sentimento e o domínio da teologia sobre toda a vida social, esses pensadores iriam desembocar no fascismo, cujo triste legado, nós, brasileiros, conhecemos hoje mais do que nunca.

A ideia de decadência é muito antiga e muito difundida por todo o mundo. Encontramo-la em Hesíodo, em Platão, em toda uma literatura hindu, em outros povos indígenas, na Bíblia. O paraíso perdido, a Idade de ouro que se foi, etc.

Na modernidade, ela ganha contornos claramente racistas, com Gobineau, um burguês enobrecido que se dizia descendente de Guilherme Normando. Para Gobineau, a humanidade estaria dividida em raças completamente diferentes e, sobre todas, o único vetor de civilização seria a raça ariana, que se concentrara, modernamente, no norte da Europa. Os arianos, com seu vigor, sua força, sua potência, estariam desaparecendo, tragados por raças inferiores. Por isso, o mundo estaria condenado, já que sua força civilizatória motriz estaria enfraquecendo inevitavelmente.

Gobineau, que era francês, foi apropriado por setores nacionalistas alemães e acabou muito utilizado por um senhorzinho de bigode esquisito, o qual ajudou a conduzir o mundo a uma carnificina terrível. Os judeus, apresentados como inimigos dos verdadeiros valores nacionalistas por pensadores que vieram na esteira de Gobineau, foram perseguidos e assassinados, junto com outras minorias.

Outro pensador que enxergava, a partir de uma tese de doutorado que não foi aceita pela Sorbonne (por ser insuficiente e fraudada) foi um tal de René Guénon. Para Guénon, a modernidade traz a marca do declínio, já que se opõe a tradição. Estaríamos em um ciclo de decadência, o qual somente pode ser quebrado através de uma elite vigorosa, que se oponha e estabeleça as condições de uma nova civilização. O Ocidente, com sua modernidade, estaria fadado a ser engolido pelas nações que ainda guardavam sua superioridade espiritual, países muçulmanos, hindus, confucionistas, etc. Para Guénon, todas as religiões do mundo teriam sido

reveladas à humanidade na aurora dos tempos, e guardariam a mesmas verdades perenes. Guénon era adepto de sociedades ocultistas, foi maçom, católico e terminou muçulmano *sufi*. Na esteira de Guénon uma série de sociedades secretas e seitas foram fundadas, muitas das quais envoltas em abusos e má-fé.

Um dos seguidores mais fiéis de Guénon foi Julius Evola, um escritor e político fascista, que foi divulgar suas ideias junto às SS e terminou sendo considerado muito radical pelos nazistas. Evola, que também enxergava um declínio do Ocidente, passou das palavras às ações e foi pôr em prática aquilo que aprendera com Guénon. Após a derrota do Eixo, tornou-se ideólogo da extrema-direita italiana, ajudando a organizar e pensar suas ações, como assassinatos e ataques armados, no pós-guerra.

No Brasil, Guénon e Evola encontraram vivos adeptos, o mais famoso dos quais, que também enxergava na modernidade uma decadência, Olavo de Carvalho. Olavo viu em Bolsonaro a possibilidade de regeneração da sociedade brasileira. 700 mil mortos pela pandemia, que terminaria por vitimá-lo também, não foram suficientes para fazê-lo mudar de ideia. Como se diz, é pela boca que morre o peixe...

Monod mostra como Pascal tentou provar as escrituras como verdadeira pela única prova que resta: a interior. Ou seja, a fé pura e simples. Em todos os confrontos entre fé e razão, esta última se mostrou vitoriosa. Não à toa: a fé somente oferece palavras e a crença em mistérios. Em séculos de domínio da fé sobre a razão, aquela ofereceu dores, sofrimento, miséria, etc. A ciência, desde o Iluminismo, nos oferece feitos e respostas. Se males persistem no mundo, a razão nos permite projetar um outro mundo (e atuar para sua realização), onde as mazelas atuais tenham desaparecido. Este mundo é possível, e está ao alcance das mãos. O maior impedimento para sua concretização vem justamente daqueles que se apoiam em verdades-reveladas, outro nome para balela. As condições estão dadas, falta vontade política.

Bibliografia

CARVALHO, Olavo de. *O Jardim das Aflições - De Epicuro à Ressurreição de César*. RJ: Topbooks, 1998

CASSIRER, Ernst. *Individuum und Kosmos in der Philosophie der Renaissance*. Warburg: - Vieweg+Teubner Verlag, 1927

CUSANO, Nicolau. PEROLLI, Enrixo. (editor). *Opere filosofiche, teologiche e matematiche*. Testo latino a fronte. Roma: Bompiani, 2017

- DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. *Commun: Essai sur la révolution au XXIe siècle*. Paris: La Découverte, 2014
- DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994, vol. I
- _____. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994, vol. II
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o maior cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro, Graal, 2012
- DUSSEL, Enrique. 1492: *El encubrimiento del Otro. Hacia el origen del "mito de la Modernidad"*. La Paz: Plural Editores, 1994
- EPICURO. *Opere*. Torino: Einaudi, 1972
- FERRY, Luc. RENAUT, Alain. *Heidegger et les modernes*. Paris: Grasset, 1988
- FORTES, Luís Roberto Salinas. *O iluminismo e os reis-filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 4ª ed., 1986
- GARRARD, Graeme. *Counter-Enlightenments: From the eighteenth century to the present*. London and New York: Routledge, 2006
- GAY, Peter. *The Enlightenment An Interpretation, Vol. 1 The Rise of Modern Paganism*. USA: Alfred A. Knopf, 1966
- _____. *The Enlightenment: An Interpretation - Volume II: The Science of Freedom*. New York: Alfred A. Knopf, 1969
- GUÉNON, René. *La crise du monde moderne*. Paris: Gallimard, 2013
- HAN, Béatrice. *L'ontologie manquée de Michel Foucault: entre l'historique et le transcendental*. Grenoble: Millon, 1998
- HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. *Commonwealth*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009
- HEIDEGGER, Martin. *Einführung in die Metaphysik*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann. Gesamtausgabe vol 40, 1983
- _____. *Qu'est-ce que la philosophie?* Tübingen: Günther Neske, 1956
- _____. *Sein und Zeit*. Gesamtausgabe Band 2. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976
- _____. *Über den humanismus*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000a, 10ª Auflage
- _____. *Vorträge und Aufsätze*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000b
- HERMAN, Arthur. *The idea of decline in Western history*. New York: The Free Press, 1997

- HERODOTUS. *HPOΔOTOY ΙΣΤΟΡΙΑΙ*. With an English translation. Vol I. London: William Heinemann. New York: G.P. Putnam's Sons, 1920
- ISRAEL, Jonathan Irvine. *Radical Enlightenment. Philosophy and the Making of Modernity 1650-1750*. USA: Oxford University Press, 2001
- KIRK, Geoffrey. Stephen. RAVEN, John. E.; SCHOFIELD, Malcom. *Os filósofos pré-socráticos*. 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005
- KOYRÉ, Alexandre. *From the closed world to the infinite universe*. Baltimore: The John Hopkins Press, 1957
- LUIZ, Felipe. *O papel da filosofia na crise contemporânea*. Eleutheria, s.l., Volume 06, número 11, 2021
- _____. *Hegel, Heidegger e a estratégia: três filosofias da história da filosofia*. 2023. No prelo
- MACHIAVELLI, Niccoló. *Il principe. Saggi e commenti*. Roma: Instituto della Enciclopedia Italiana, Roma, 2012
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Werke Band 4*. Berlin: Dietz Verlag, 1959
- MASSEAU, Didier. *Les ennemis des philosophes. L'antiphilosophie au temps des Lumières*. Paris: Albin Michel, 2000
- MCMAHON, Darrin.M. *Enemies of the Enlightenment: the French counter-Enlightenment and the making of modernity*. Oxford: Oxford University Press, 2001
- MILCHMAN, Alan. ROSENBERG, Alan (eds.). *Foucault and Heidegger: critical encounters*. Minneapolis: Universit of Minnesota Press, 2003
- MONDOLFO, Rodolfo. *Figuras e ideas de la filosofía del Renacimiento*. Barcelona: Icaria, 1980
- MONOD, Albert. *De Pascal à Chateaubriand: les défenseurs français du Christianisme de 1670 à 1802*. Paris: Félix Alcan, 1916
- ROSSI, Paolo. *La nascita della scienza moderna in Europa*. Roma/Bari: Laterza, 1997
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Du contrat social, ou, Principes du droit politique : discours sur les sciences et les arts, discours sur l'origine de l'inégalité parmi les hommes, lettre à M. d'Alembert, considérations sur le Gouvernement de Pologne, lettre a Monseigneur de Beaumont, archevêve de Paris*. Paris: Garnier, 1954
- SANTAELLA, Lúcia. *A concepção ampliada da mente segundo C.S. Pierce*. *Cognitio*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 392-403, jul./dez. 2019
- SEDGWICK, Mark. *Against the modern world: Traditionalism and the secret intellectual history of the Twentieth Century*. New York: Oxford University Press, 2004

SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. São Paulo: Atual, 1994